

TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 879

ACESSO À EDUCAÇÃO: DIFERENCIAIS ENTRE OS SEXOS*

Kaizô Iwakami Beltrão**

Rio de Janeiro, maio de 2002

* O autor agradece os comentários de Maria Eugénia Ferrão Barbosa, Maria Salet Novellino, Jane Souto de Oliveira, Denise do Nascimento Britz e José Matias de Lima. Agradece ainda o trabalho de procura dos dados e digitação dos monitores da Ence, Frederico e Hugo, o trabalho de tabulação dos dados do Saeb por Denis, como também a revisão do texto feita pelo professor José Antônio Senna. Os comentários, dúvidas e sugestões ouvidos nos seminários, onde apresentou este trabalho, foram de alguma forma incorporados, e o autor agradece mais uma vez.

**Da Ence/IBGE.
kaizo@ibge.gov.br

Governo Federal

**Ministério do Planejamento,
Orçamento e Gestão**

Ministro – Guilherme Gomes Dias

Secretário Executivo – Simão Ciríneu Dias

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o IPEA fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais, possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro, e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Roberto Borges Martins

Chefe de Gabinete

Luis Fernando de Lara Resende

Diretor de Estudos Macroeconômicos

Eustáquio José Reis

Diretor de Estudos Regionais e Urbanos

Gustavo Maia Gomes

Diretor de Administração e Finanças

Hubimaier Cantuária Santiago

Diretor de Estudos Setoriais

Luis Fernando Tironi

Diretor de Cooperação e Desenvolvimento

Murilo Lôbo

Diretor de Estudos Sociais

Ricardo Paes de Barros

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Uma publicação que tem o objetivo de divulgar resultados de estudos desenvolvidos, direta ou indiretamente, pelo IPEA e trabalhos que, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO 1

2 NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESTUDO 2

3 CONCLUINTE DO ENSINO FORMAL 5

4 POPULAÇÃO ESCOLAR 13

5 EVIDÊNCIAS DO SAEB-99 15

6 COMENTÁRIOS FINAIS 16

BIBLIOGRAFIA 17

SINOPSE

O número médio de anos de estudo da população feminina brasileira, que tinha sido menor do que o da população masculina até o Censo de 1980, nos dados do Censo de 1991, ultrapassa-o em 0,26 ano. Estas estatísticas agregadas mascaram uma série de diferenças existentes em cada coorte. Este trabalho tenta mostrar essas diferenças e avaliar a evolução da escolaridade para cada sexo ao longo do tempo, acompanhando os dados das coortes nos censos disponíveis. Analisa também informações sobre a população escolar e dados do Saeb sobre a população da 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio. A conclusão geral é que as mulheres sempre tiveram melhores desempenhos do que os homens no começo da vida escolar, apresentavam sempre menor defasagem idade/série, mas no entanto deixavam a escola mais cedo. Os homens continuavam mais tempo na escola e alcançavam maior escolaridade. Até uma certa idade, então, as mulheres apresentam mais anos de estudo, em média, do que os homens correspondentes. Em cada censo a idade está mais avançada. Existem também diferenças na proporção de indivíduos de cada sexo que terminam os diferentes níveis do ensino formal. Nas coortes mais velhas do Censo de 1960 existem proporcionalmente 20 vezes mais homens com o nível superior do que mulheres. Nas coortes mais jovens do Censo de 1991, duas vezes mais mulheres. Fenômeno semelhante acontece para todos os níveis do ensino formal, apenas em níveis mais moderados. Nas coortes mais velhas do Censo de 1960 existem 20% a mais de homens com o primeiro ciclo do ensino fundamental completo do que mulheres. Nas coortes mais jovens do Censo de 1991 existem 10% a menos de homens que completaram este nível do que mulheres. A população escolar nos censos mais antigos era predominantemente masculina e em séries, em média mais avançadas. Nos censos mais recentes a situação se inverte.

ABSTRACT

The gender gap measured by average number of years of schooling for the Brazilian population had favored the male population up to the 1980 Census. In 1991, though it was reversed and women averaged .26 year more of schooling than their male counterparts. These aggregated statistics fudge intra-cohort differences. This paper plans to focus on these differences and evaluates the evolution of schooling for each sex, using cohorts for the available censuses. It also analyses data on the school population from the different censuses and from Elementary and High School Evaluation System (Saeb). Saeb data concerns exclusively on elementary school 4th and 8th graders and high school 3rd graders. The main conclusion is that women have been better performers at the first school years, shorter age/grade gap, but usually left school earlier than men. Men have been more persistent and in spite of worse performance stayed longer in school and graduated at higher levels. Up to certain ages women presented more years of schooling than men. In each census this age has been getting higher. There are also differences in the proportion of individuals of each sex graduating at the several levels of formal education. The proportion of university graduates among males in older cohorts in the 1960 census is almost 20 times greater than the proportion among females. On the other hand, the proportion of university graduates among males in younger cohorts in the 1991 census is almost half the proportion among females. The same thing happens for all levels of formal schooling, in a slightly less aggravated form. The proportion of elementary school graduates among males in older cohorts in the 1960 census is 20% greater than the proportion among females and in 1991 there are 10% less males in the younger cohorts. School population in older census was predominantly male and, in average, enrolled in more advanced levels. In more recent census the situation is reversed.

1 INTRODUÇÃO

O acesso amplo e geral à educação formal é fator fundamental para o desenvolvimento de um país, bem como fator determinante para a realização do ser humano, no que diz respeito a seu bem-estar material e espiritual.

Está provado que um aumento do nível de escolaridade das mulheres está altamente correlacionado à queda da fecundidade, da morbidade e da mortalidade delas e de seus filhos, além de conduzir a maior e mais consciente participação na vida pública [ver Barsted (1996, p. 36)]. Obviamente, esta premissa vale também para os homens: maior escolaridade está altamente correlacionada a famílias menores, menor morbidade deles e de seus filhos. No entanto, estudos também mostram que o nível educacional da mãe parece ser um determinante próximo, determinante este com maior correlação com a sobrevivência dos filhos do que o nível educacional do pai.

Estudos recentes revelam que o acesso à educação tem sido uma das facetas da desigualdade entre os gêneros. Como norma geral, no mundo, quanto menor a renda familiar, menor o número de meninas na escola proporcionalmente ao de meninos [ver Banco Mundial (2001)]. A alocação diferenciada de recursos é uma maneira pela qual a família delinea uma diferenciação entre gêneros. Em casos extremos de recursos limitados, a alocação de comida, serviços de saúde e atenção dos pais, preferencialmente em relação aos filhos homens, significa menos comida, pior saúde e menor atenção para as filhas. Mesmo em casos não tão extremos, a alocação de recursos pode ser diferenciada, e meninas terem menos acesso à educação e à informação em geral. Em situações de pobreza, tal discriminação é agravada pelo fato de, em alguns contextos, a ida das meninas à escola implicar gastos maiores para as famílias comparativamente à ida dos meninos. Alguns estudos [ver Banco Mundial (2001, p.167)] informam que é comum pais permitirem que filhos homens caminhem até a escola, mas, receosos da violência em relação à mulher, preferem que suas filhas usem transporte pago. Aumentando ainda mais este diferencial de gastos, os pais tendem a se preocupar mais com roupas apropriadas para as meninas do que para os meninos.

Diminuir esse diferencial de acesso à educação tem sido bandeira de vários países, e um dos itens centrais de cimeiras recentes das Nações Unidas (Cairo, 1994 e Beijing, 1996). No cenário mundial, a presença de mulheres nas escolas vem aumentando consideravelmente. Ásia Oriental, América Latina, Europa e Ásia Central têm os maiores índices de igualdade entre os sexos, no que diz respeito à educação formal. Na Europa, na Ásia Central e na América Latina, a taxa média da presença feminina no ensino médio está, agora, excedendo a taxa masculina. Em outras regiões, tais como Sul da Ásia, África subsaariana, Oriente Médio e África do Norte, vêm se registrando decréscimos notáveis no que tange à disparidade entre os gêneros nos níveis de ensino fundamental e médio [ver Banco Mundial (2001, p. 42-43)].

No Brasil, as estatísticas mostram uma realidade um pouco diferente. Ao longo das últimas décadas, registra-se não só uma diminuição da diferença de escolaridade média de homens e mulheres como uma ultrapassagem dessas últimas. Discutir como está ocorrendo tal mudança e quão perene é esta tendência é o objeto deste trabalho.

Essa estatística para a população como um todo, mesmo caracterizando uma tendência temporal, no entanto, não leva em conta mudanças na estrutura etária, mascara possíveis movimentos ocorridos em coortes específicas e não considera diferenças intragrupos. Seria interessante, para completar o quadro, comparar as informações por sexo e coorte de nascimento em diferentes instantes do tempo para se ter uma idéia melhor da dinâmica do processo. Isso pode ser feito com duas classes de estatística: anos de estudo formal concluídos com sucesso, que mensurariam a média populacional; e escolarização para os diferentes níveis do ensino formal (primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, ensino médio e superior) que, quando comparados entre si, nos dariam uma medida de dispersão. Estas informações estão disponíveis nos censos populacionais, desagregadas ainda por indivíduos que freqüentam ou não a escola.

Uma análise de coorte, por oposição a uma análise de período, apresenta várias vantagens. Uma análise de coorte não chega a ser um filme no lugar das várias fotos disponíveis com a análise de período, mas uma série de fotos do mesmo grupo de indivíduos em diferentes instantes do tempo. Com isso, podemos apreciar mudanças ocorridas neste grupo entre os instantes nos quais é retratado.

Este trabalho está dividido em seis seções, incluindo esta introdução. A Seção 2 descreve e compara o número médio de anos de estudo para diferentes coortes e as diferenças entre os sexos. A Seção 3 analisa as proporções de indivíduos que completam diferentes níveis do ensino formal, também levando em conta as diferenças entre os sexos nesses níveis. A Seção 4 resume a situação da população escolar. Na Seção 5, considera-se a evidência do Saeb sobre a questão. E, na Seção 6, à guisa de conclusão, tecem-se alguns comentários.

2 NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESTUDO¹

O Gráfico 1 mostra o número médio de anos de escolaridade de homens e mulheres para os censos entre 1960 e 1996. A escolaridade média está crescendo para ambos os sexos, mas as mulheres estão conseguindo isto numa velocidade maior. Em 1960, a escolaridade média dos homens brasileiros era de 1,9 ano e a das mulheres, de 1,7. Já em 1996, esses números passaram a, respectivamente, 5,8 e 6,1 anos. A diferença, que era de 0,2 ano em favor dos homens no Censo de 1960, passa, em 1996, a 0,3 ano em favor das mulheres.

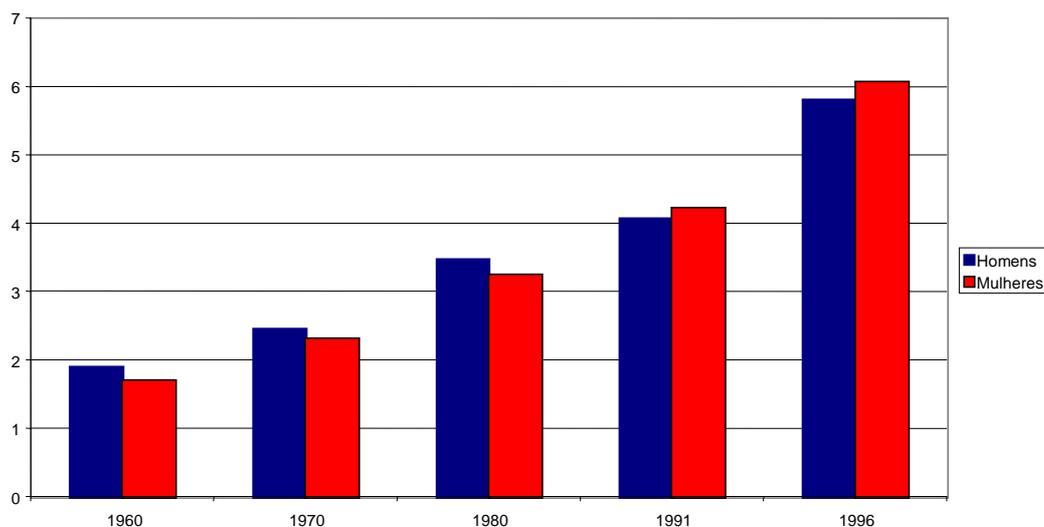
O Gráfico 2 apresenta a mesma informação do Gráfico 1, porém desagregada por coortes² de nascimento. No Gráfico 2, em cada linha do mesmo, temos informação de um censo para um dado sexo. No eixo das abcissas, temos as coortes de nascimento. Podemos, então, caminhando na vertical, observar a informação para uma determinada coorte em vários censos (e, conseqüentemente, com a coorte em vários estágios do ciclo de vida). Por exemplo, a coorte nascida entre os anos de 1951 e 1955, no primeiro censo onde aparece, 1960, tem idade compreendida entre 5 e 9 anos e uma média de 0,20 ano de estudo para os homens e 0,22 para as mulheres. Já

¹ Como mencionado na introdução, o número de anos de estudo deve ser entendido como o número de anos de estudo formal concluído com sucesso.

² Vamos considerar coortes quinquenais de nascimento, compatibilizando com as tabulações de grupos quinquenais de idade disponibilizadas nos censos. Por exemplo, nos dados do Censo de 1980, a coorte mais jovem corresponde ao grupo etário de 5 a 9 anos, com nascimento entre os anos de 1971 e 1975.

GRÁFICO 1

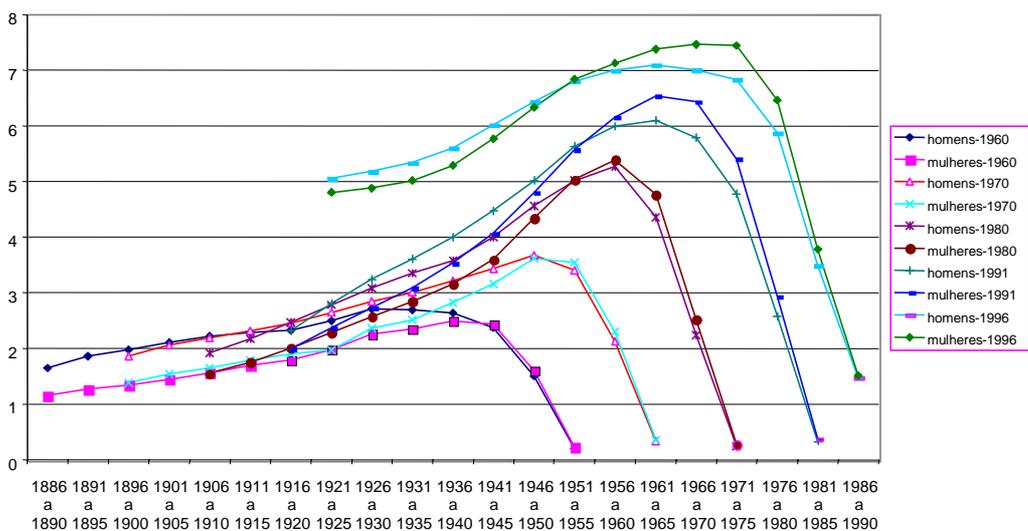
Brasil: Número Médio de Anos de Estudo da População com 5 Anos ou mais por Sexo em Censos Populacionais Seleccionados — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



Fonte: IBGE, Censos de 1960, 1970, 1980 e 1991.

GRÁFICO 2

Brasil: Anos Médios de Estudo por Sexo e Coorte de Nascimento em Censos Populacionais Seleccionados — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



no Censo de 1970, 10 anos depois, a coorte, obviamente 10 anos mais velha, tem idade compreendida entre 15 e 19 anos e média de anos de escolaridade de 3,40 e 3,54, respectivamente para homens e mulheres, ou seja, no período entre esses dois censos os homens acrescentaram 3,34 anos de estudo em média aos que tinham em 1960, e as mulheres, 3,32 anos. No Censo de 1980, essa coorte, já no grupo etário de 25 a 29 anos, apresenta números médios de anos — estudos para homens e mulheres bem mais parecidos: respectivamente 5,02 e 5,03 anos. No Censo de 1991,³ os

³ As coortes, utilizando-se as informações como tabuladas no Censo de 1991 e na contagem de 1996, não são exatamente compatíveis com as informações dos censos anteriores, mas decidimos desprezar a diferença, que é somente de um ano.

homens da coorte, já com idade entre 35 e 39 anos, apresentam uma escolaridade média maior do que a das mulheres: 5,63 anos contra 5,58. Na contagem de 1996,⁴ os homens da coorte têm em média 6,44 anos de estudo, contra 6,33 das mulheres. Se considerarmos a coorte nascida 10 anos antes, ou seja, entre 1941 e 1945, vemos que, já no Censo de 1970, quando a coorte tinha entre 25 e 29 anos, os homens já tinham mais anos médios de estudo do que as mulheres: 3,43 contra 3,15 anos, ainda que no censo anterior, 1960, as mulheres dessa coorte, então com 15 a 19 anos de idade, apresentassem em média mais escolaridade do que os homens. Para todas as coortes, as mulheres no grupo de 5 a 9 anos de idade apresentam, em média, mais anos de estudo do que os homens. Com o envelhecimento da coorte, os homens diminuem a diferença e, mais tarde, sobrepujam as mulheres. Para as coortes mais recentes, a ultrapassagem ocorre em idades cada vez mais avançadas. Tais números são compatíveis com maior defasagem⁵ idade/série (ver Seção 5) para os homens combinada com uma permanência mais longa destes na escola.

Este padrão se repete para todas as coortes e censos. Para as coortes mais jovens de cada censo, é evidente a maior escolaridade média das mulheres. Existe, porém, uma idade a partir da qual os homens ultrapassam as mulheres (ver Gráfico 3 para a razão de anos médios de homens e mulheres por coorte e ano censitário). Tal fenômeno está presente nas informações dos Censos de 1960, 1970, 1980 e 1991, assim como na contagem de 1996. Todavia, verifica-se cada vez mais tardiamente essa inversão de posições. Nos Censos de 1960 e 1970, ocorria no quinto grupo etário (20 a 24 anos de idade), no Censo de 1980, somente no sexto (25 a 29 anos) e em 1991, somente no oitavo (35 a 39 anos). Na contagem de 1996, somente no décimo grupo etário se nota o cruzamento.

Um outro movimento facilmente perceptível no Gráfico 2 é o aumento dos anos médios de estudo nos censos sucessivos. Este aumento acontece, *grosso modo*, para todos os grupos etários, ainda que incipientemente para alguns, inclusive o de 5 a 9 anos (a não ser para o último ano considerado — 1996). Admitindo-se que os dados da contagem de 1996 são exatamente da mesma natureza que os levantados nos censos,⁶ é notável o crescimento da escolaridade no quinquênio entre 1991 e 1996. Ao contrário dos períodos intercensitários, os maiores incrementos ocorrem para as pessoas mais idosas (a partir dos 35 anos de idade).

No Gráfico 3 podemos notar que, nos primeiros censos considerados (1960 e 1970), a vantagem relativa obtida pelas mulheres, quando jovens, diminui paulatinamente nos censos seguintes. Por exemplo, para a coorte nascida entre 1951 e 1955, as mulheres apresentavam, no Censo de 1960, um pouco mais de 5% de vantagem em relação aos homens. No Censo de 1970, tal diferença em favor das mulheres diminui para 3%. Em 1980 e 1991, os homens dessas coortes passam a ter mais anos de estudo com uma diferença a seu favor, respectivamente, de 0,3% e

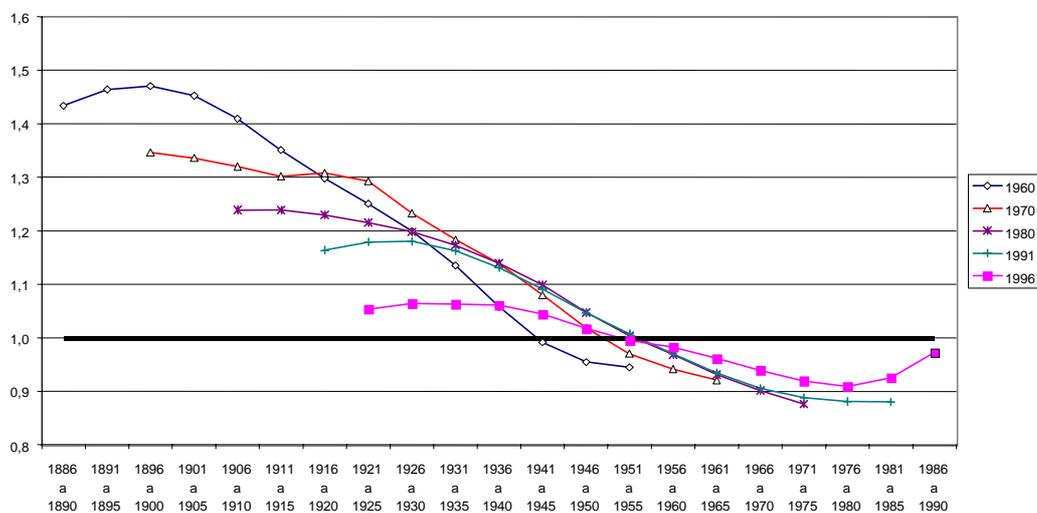
⁴ A contagem de 1996 contém informações sobre escolaridade, mas através de questões diferentes das levantadas nos censos, o que poderia explicar a diferença encontrada.

⁵ A defasagem idade/série é definida como a diferença entre a idade do aluno e a recomendada para aquela série. Por exemplo, um aluno de 9 anos na primeira série do ensino fundamental tem uma defasagem idade/série de 2 anos, já que a idade recomendada para essa série é 7 anos.

⁶ Lembrando o comentário da nota 3.

0,7%. Parece haver um retrocesso na contagem de 1996, mas ainda é cedo para se reconhecer uma inversão de tendência.

GRÁFICO 3
Razão dos Anos Médios de Estudo no Brasil de Homens e Mulheres por Coorte de Nascimento em Censos Populacionais Selecionados — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



Acontece, porém, fenômeno inverso para as idades avançadas. No Censo de 1960, os homens da coorte nascida entre 1911 e 1915, então no grupo etário de 45 a 49 anos, apresentavam, em média, uma escolaridade 35% maior do que a das mulheres. Em 1970, tal diferença tinha diminuído para 30% e, em 1980, para 24%. Estes números, por outro lado, evidenciam uma volta tardia à escola por parte das mulheres, numa proporção maior do que a dos homens.⁷

3 CONCLUINTES DO ENSINO FORMAL

Como a média é não-informativa sobre os valores individuais da população, nesta seção vamos considerar a proporção de concluintes em alguns marcos no sistema educacional: primeiro (antigo primário) e segundo ciclos (antigo ginásio) do ensino fundamental, ensinos médio (antigo científico/clássico) e superior.

3.1 PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os Gráficos 4 e 5 apresentam as proporções declaradas de indivíduos com o primeiro ciclo do ensino fundamental completo, por coorte de nascimento, para os Censos de 1960 a 1991, e a contagem de 1996 para homens e mulheres, respectivamente. O Gráfico 6 apresenta a razão dessas proporções entre homens e mulheres. Tais proporções, para ambos os sexos, apresentam a forma de ondas sucessivas e crescentes.

⁷ Uma outra possibilidade é que o diferencial de mortalidade existente entre os níveis socioeconômicos, para os quais a educação é uma *proxy*, seja menos pronunciado entre os homens do que entre as mulheres.

GRÁFICO 4

Proporção de Indivíduos no Brasil com o Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental Completo por Coorte de Nascimento: Homens — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996

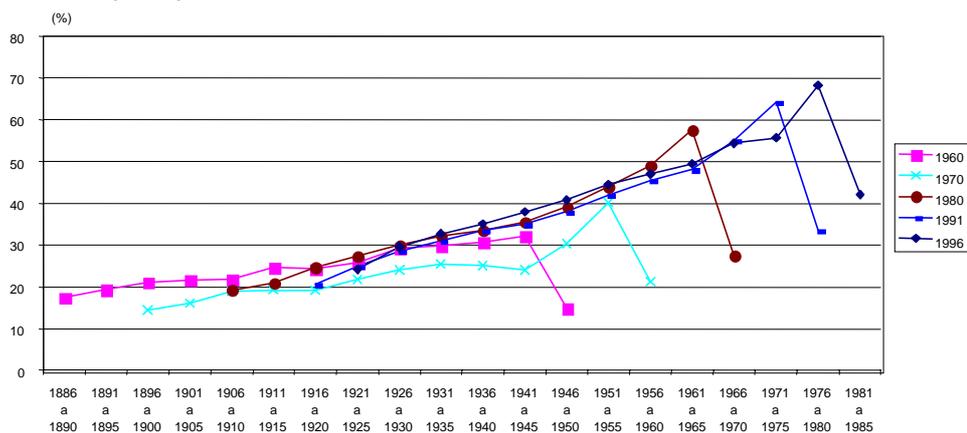


GRÁFICO 5

Proporção de Indivíduos no Brasil com o Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental Completo por Coorte de Nascimento: Mulheres — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996

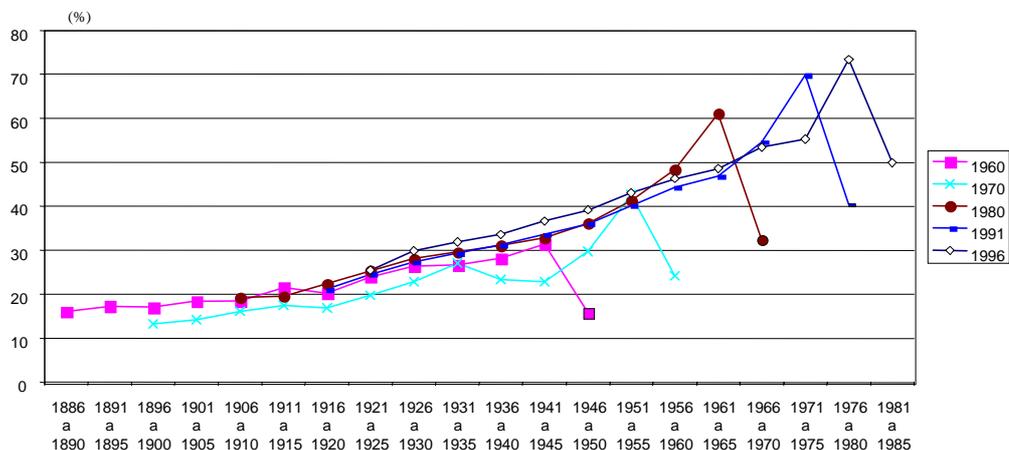
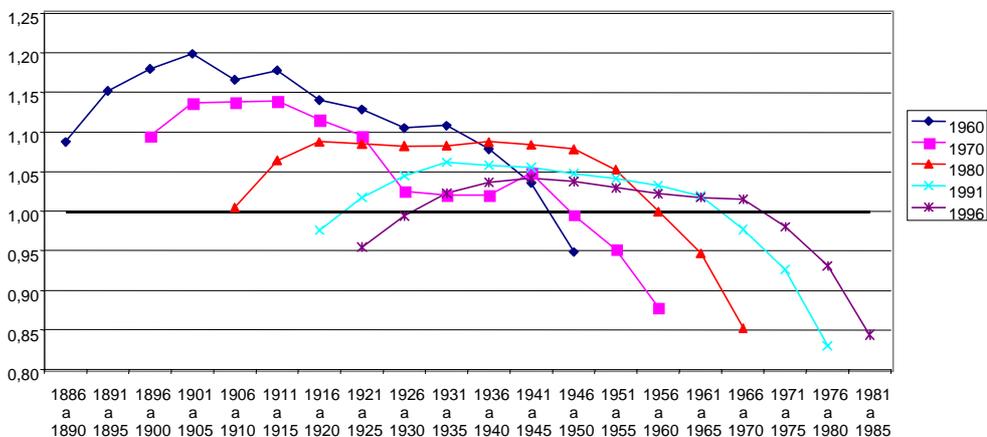


GRÁFICO 6

Brasil: Razão da Proporção de Homens e Mulheres com o Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental Completo por Coorte de Nascimento — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



Censos mais recentes correspondem a ondas que se sobrepõem e sobrepujam as ondas anteriores. A não ser o Censo de 1970, que apresenta dados que parecem discrepantes dos outros, o que poderia ser explicado pela existência de uma quinta e de uma sexta série primária, além de um ano de Admissão incluso no sistema escolar e, conseqüentemente, no questionário do censo, o que podemos observar, tanto no Gráfico 4 (homens) como no Gráfico 5 (mulheres), é que as coortes nascidas mais cedo têm uma proporção menor de indivíduos com o primeiro ciclo do ensino fundamental completo e que o crescimento maior aconteceu para as coortes mais recentes. Entre censos, não existe quase diferença para as coortes mais velhas. Para a primeira coorte com valores não-nulos de cada censo (no grupo etário de 10 a 14 anos), existe uma diferença significativa em relação às informações do censo consecutivo, que pode ser explicada pelo fato de que, apesar de a idade adequada para a conclusão do primeiro ciclo do curso fundamental ser 10 anos, existe uma defasagem idade/série expressiva. Além disso, os homens apresentam uma maior defasagem idade/série, neste nível de ensino, do que as mulheres. Demoram, então, mais tempo para concluir estes quatro anos de ensino formal (os dados do Saeb-99 corroboram o fato — ver, na Seção 5, os Gráficos 20, 21 e 22 para as defasagens cumulativas nas quarta e oitava séries do ensino fundamental e terceira do ensino médio). Atente-se para o fato de que as mulheres tiveram um maior ganho do que os homens, evidenciado pelos maiores valores alcançados pelas coortes femininas mais novas diante das masculinas, bem como os valores menores para as coortes mais velhas femininas, outra vez comparadas às masculinas. Nas coortes mais jovens, a proporção de mulheres com o primeiro ciclo do ensino fundamental completo chega a 70% (por oposição a 64% para os homens), enquanto nas coortes mais velhas tal proporção gira em torno de 16% (por oposição a pouco mais de 17% para os homens).

O Gráfico 6 sintetiza melhor a evolução relativa entre os sexos. Quando a razão é 1 temos a mesma proporção de homens e mulheres completando o primeiro ciclo do curso fundamental. Quando a razão é maior do que a unidade, temos mais homens, quando menor, mais mulheres completando o primeiro ciclo. Para as coortes mais velhas, a proporção de homens com o primeiro ciclo do ensino fundamental completo era 20% maior do que a de mulheres. No outro extremo, ou seja, nas coortes mais novas, ocorre situação inversa, e as mulheres têm quase 20% a mais de indivíduos com o primeiro ciclo do ensino fundamental completo. O ponto da inversão é mais ou menos recente e ocorreu para as coortes nascidas entre 1960 e 1970. Estas razões, entretanto, não se apresentam lineares nem completamente homogêneas entre censos. Considerando as coortes mais jovens de um determinado censo (10 a 20 anos), observa-se que a diferença existente entre mulheres e homens diminui com o tempo (notável quando, no censo seguinte, a proporção de homens/mulheres dessa mesma coorte, 10 anos mais velha, é maior), confirmando que, para esse caso, a defasagem idade/série deve ser maior e crescente por idade entre os homens. Estes atingem, entre os censos, um nível de conclusão do primeiro ciclo do curso fundamental mais próximo do das mulheres. A defasagem não é seguida, pelo menos não como comportamento geral, de abandono do estudo antes do término desse nível. No Censo de 1980, a razão da proporção de indivíduos com o primeiro ciclo do ensino fundamental completo para a coorte nascida entre 1966 e 1970 era de 0,8526, indicando que haveria quase 15% a mais de mulheres do que de homens com o primeiro ciclo completo. Já no Censo de 1991, essa mesma coorte

apresenta um valor de razão homens/mulheres de 0,9767, indicando que a diferença é de pouco mais de 2%, ou seja, entre os Censos de 1980 e 1991, mais homens do que mulheres terminaram o primeiro ciclo, diminuindo o hiato computado no censo anterior.⁸ No entanto, este hiato para o primeiro grupo etário considerado nos dados (10 a 14 anos) tem crescido com o tempo, indicando, possivelmente, um aumento da diferença da defasagem idade/série entre homens e mulheres. Em 1960, era de 5%, passando a 12% em 1970, a 15% em 1980, chegando a 17% em 1991. A mudança da inclinação da reta que une o primeiro e o segundo grupos etários mais jovens de cada censo, aliada à tendência dos grupos que se seguem são consistentes com tal hipótese. Já para as coortes mais velhas, existe comportamento inverso, visto que são as mulheres que aumentam o seu nível educacional entre os censos. Para a coorte nascida entre 1906 e 1910, a razão computada com os dados do Censo de 1960 indica um valor de 1,1660, ou seja, quase 17% a mais de homens com o primeiro ciclo completo. Já em 1980, esse valor cai para 1,0044.

Comparando-se as diferentes curvas, podemos notar também um movimento de bascula: os censos mais antigos correspondem a curvas mais inclinadas e mais elevadas, e o movimento temporal é o de descenso e horizontalização.

3.2 SEGUNDO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Se considerarmos a mesma informação para o ensino fundamental completo (Gráficos 7, 8 e 9), encontraremos um comportamento semelhante ao do primeiro ciclo. Os Gráficos 7 e 8 apresentam, respectivamente, para homens e mulheres, a proporção de indivíduos com o curso fundamental completo por coorte de nascimento. Aqui, parece mais clara a imagem de ondas sucessivas de tamanhos crescentes. O pico para as mulheres ocorre no Censo de 1991 para o grupo etário de 20 a 24 anos com o valor de 40,5%, enquanto para os homens, no mesmo grupo etário, a proporção de indivíduos que terminaram o ensino fundamental é de 35,3%. As ondas masculinas parecem ligeiramente mais amplas que as das mulheres.

O Gráfico 9, que apresenta a razão das proporções de indivíduos dos sexos masculino e feminino com o curso fundamental completo, apresenta as mesmas características do comportamento observado no Gráfico 6: nas coortes mais jovens de cada censo, valores menores do que 1 (indicando proporção maior de mulheres), mas com recuperação no censo seguinte (ainda que não total, já que o valor continua menor do que 1) da proporção de homens. Aqui, também se nota a mudança da tendência entre os dois primeiros grupos mais jovens de cada censo e os outros.

⁸ Uma outra explicação possível seria a mortalidade diferencial entre as classes sociais. A mortalidade do indivíduo de baixa renda é maior do que a dos de alta. Como esse diferencial é maior entre os homens do que entre as mulheres, principalmente para os adultos jovens, a melhora diferenciada dos homens pode estar espelhando a maior mortalidade dos indivíduos de baixa renda, a qual se acha altamente correlacionada com baixos níveis de escolaridade. Quer dizer, a melhora pode ser explicada não por mais anos de estudo entre os homens, mas pela eliminação dos indivíduos de baixa escolaridade.

GRÁFICO 7

Proporção de Indivíduos no Brasil com o Ensino Fundamental Completo por Coorte de Nascimento: Homens — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996

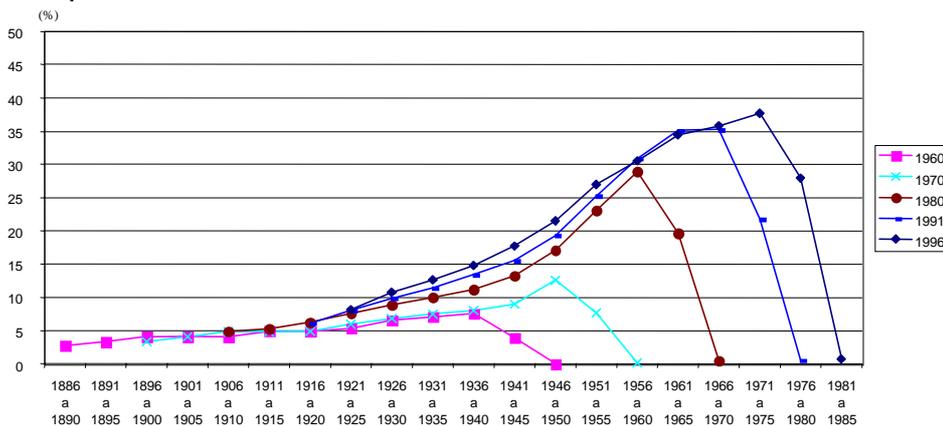


GRÁFICO 8

Proporção de Indivíduos no Brasil com o Ensino Fundamental Completo por Coorte de Nascimento: Mulheres — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996

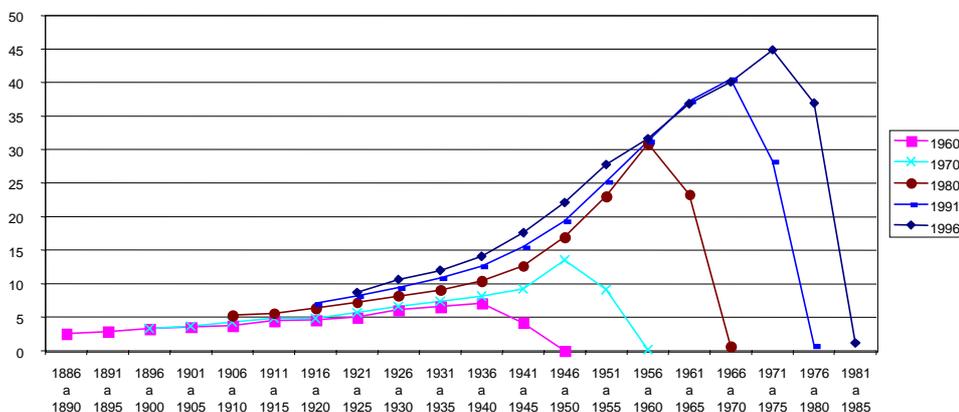
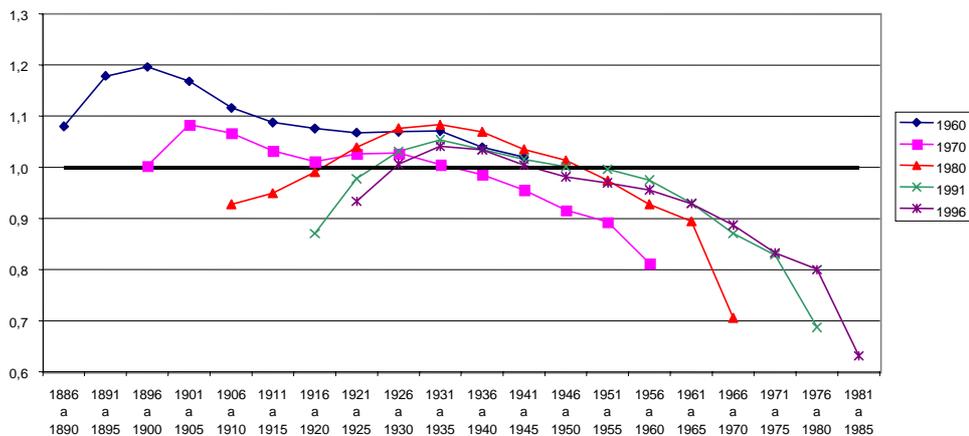


GRÁFICO 9

Brasil: Razão da Proporção de Homens e Mulheres com o Ensino Fundamental Completo por Coorte de Nascimento — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



3.3 ENSINO MÉDIO

Os Gráficos 10, 11 e 12 apresentam as mesmas informações para os que completaram pelo menos o ensino médio. Nos Gráficos 10 e 11, persiste a imagem de ondas crescentes sucessivas. As diferenças entre os dois são, basicamente, de que as ondas femininas continuam mais concentradas, com um pico mais pronunciado e começando a partir de um nível mais baixo. A última onda feminina (Censo de 1991) alcança um pico mais alto (27% contra 23% dos homens) para uma coorte 5 anos mais jovem do que a dos homens.

GRÁFICO 10

Proporção de Indivíduos no Brasil com o Ensino Médio Completo por Coorte de Nascimento: Homens — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996

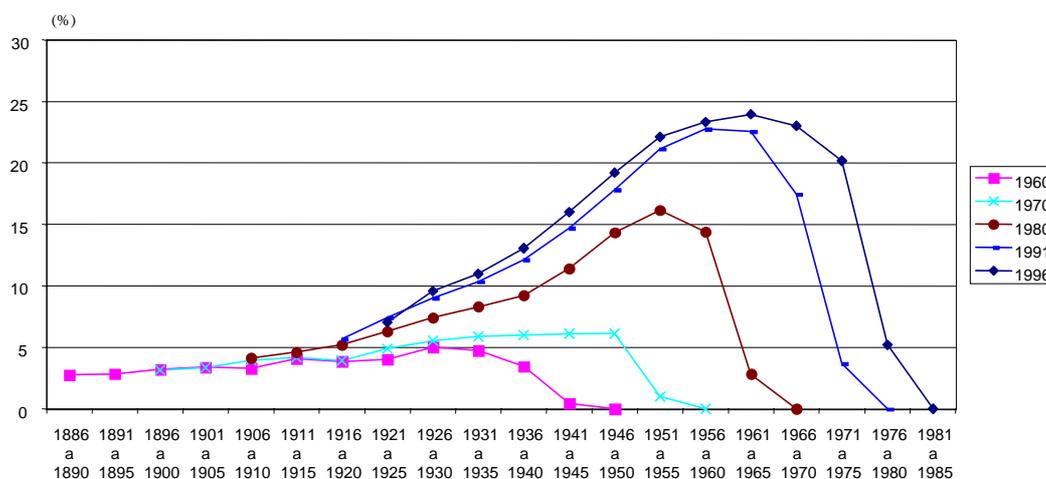


GRÁFICO 11

Proporção de Indivíduos no Brasil com o Ensino Médio Completo por Coorte de Nascimento: Mulheres — 1960, 1970, 1980 e 1991

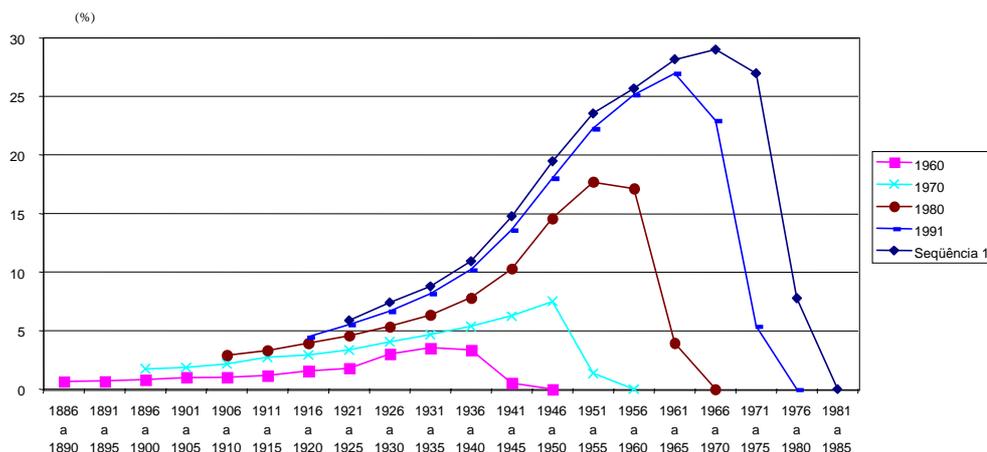
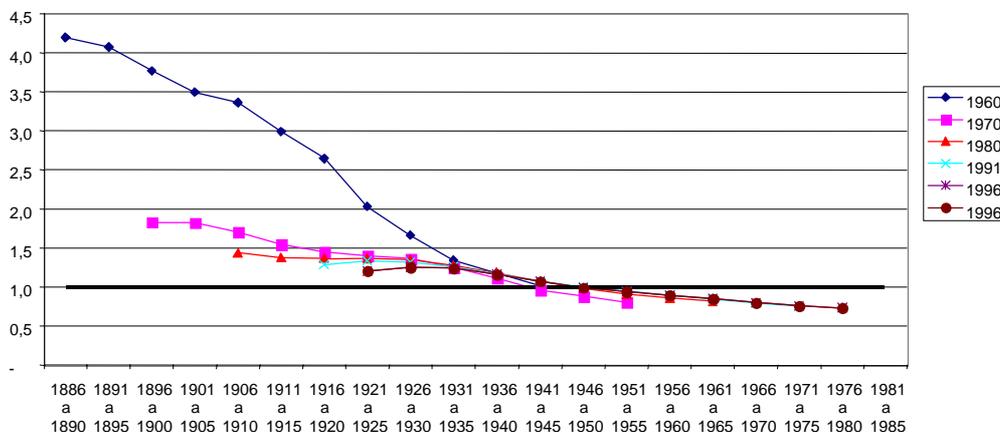


GRÁFICO 12

Brasil: Razão da Proporção de Homens e Mulheres com o Ensino Médio Completo por Coorte de Nascimento — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



O Gráfico 12, em que é apresentada a razão da proporção de indivíduos dos sexos masculino e feminino que completaram pelo menos o ensino médio (mostrado em escala logarítmica dada a diferença entre os maiores e os menores valores), apresenta comportamento semelhante ao observado no Gráfico 9, porém com diferenças mais exacerbadas. Para as coortes mais velhas do primeiro censo a proporção de homens com o ensino médio completo ultrapassa em mais de quatro vezes a de mulheres. A diferença entre censos para essas coortes mais velhas é também mais pronunciada, mostrando maiores ganhos relativos das mulheres mais velhas com relação à conclusão do ensino médio. Aqui, porém, não se nota a diferença observada para as séries anteriormente estudadas, nas tendências entre as coortes mais jovens de cada censo (mudança da inclinação da curva). Isto se deve, possivelmente, ao fato de que a defasagem idade/série não apresenta mais diferenças significativas entre homens e mulheres (os dados do Saeb-99 mostram que o diferencial entre sexos da defasagem idade/série para a população escolar diminui para as séries mais altas — ver Seção 5). Para as coortes mais jovens, as mulheres apresentam uma proporção de concluintes do ensino médio em torno de 30% maior do que a dos homens. Para essas coortes mais jovens, a diferença entre homens e mulheres, favorável a estas, diminui com o passar do tempo. Por exemplo, para a coorte nascida entre 1951 e 1955, a diferença de 20% computada no Censo de 1970 cai para 9% em 1980 e para 5% em 1991.

3.4 NÍVEL SUPERIOR⁹

Considerando-se os dados correspondentes ao ensino superior (ver Gráficos 13 a 15), notamos um hiato no passado ainda maior entre homens e mulheres e uma recuperação de monta ainda maior. Nos Gráficos 13 e 14, persiste a imagem de ondas crescentes sucessivas. A diferença mais notável é o patamar de início das ondas: em torno de 2% para os homens e 0,1% para as mulheres. Como acontece com o ensino

⁹ Não foram consideradas as informações da contagem de 1996 para esse nível, pois as tabulações publicadas não eram compatíveis com tal desagregação.

médio, as ondas femininas são mais concentradas e alcançam um pico para uma coorte 5 anos mais jovem, porém da mesma altura que as ondas masculinas (em torno de 8%). Aqui, também é mais marcante a diferença entre censos, mostrando que o estudo tardio é comum aos dois sexos.

GRÁFICO 13

Proporção de Indivíduos no Brasil com Curso Universitário Completo por Coorte de Nascimento: Homens — 1960, 1970, 1980 e 1991

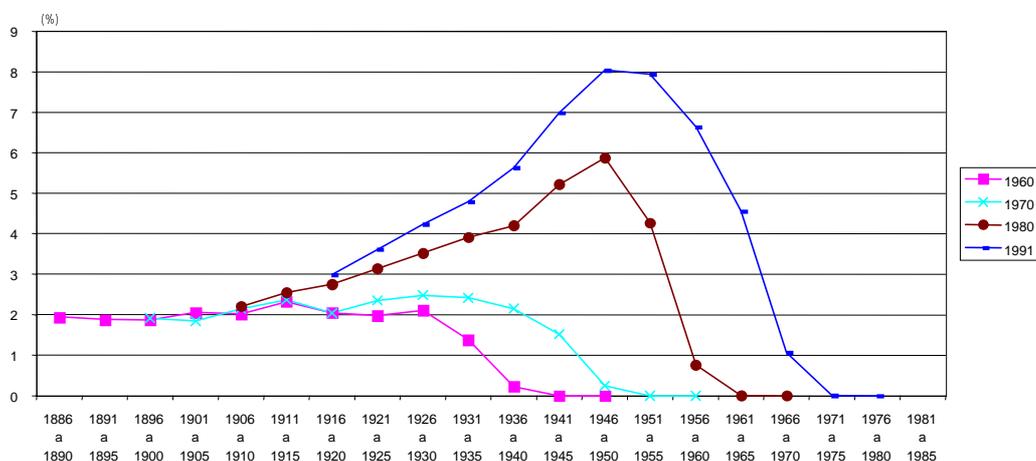
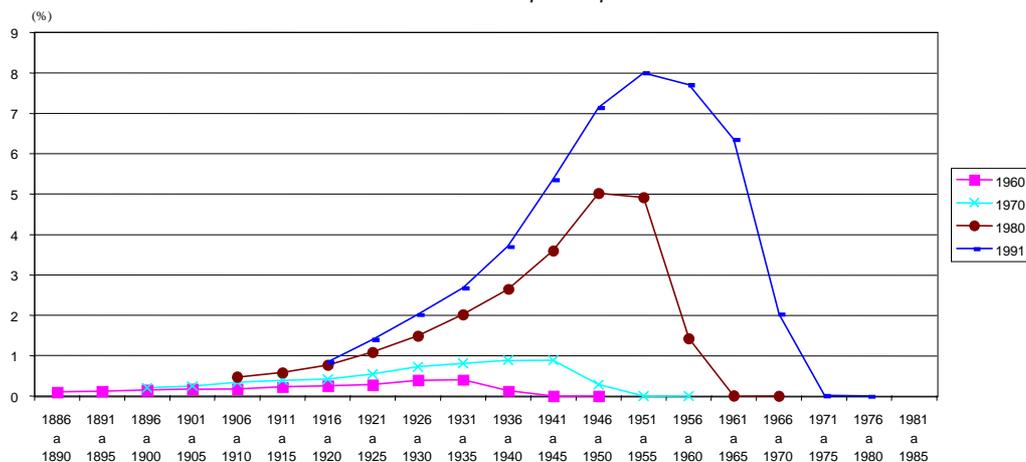


GRÁFICO 14

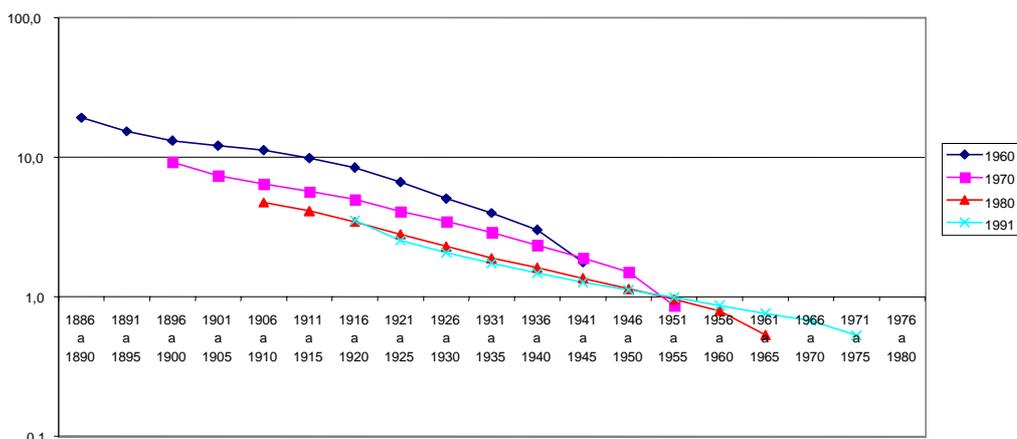
Proporção de Indivíduos no Brasil com Curso Universitário Completo por Coorte de Nascimento: Mulheres — 1960, 1970, 1980 e 1991



O comportamento, já visto para as coortes mais velhas, do estudo para os concluintes dos cursos que precedem o curso superior (primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental e ensino médio) aparece ampliado para o curso em pauta. A proporção de população masculina que conclui o curso superior é quase 20 vezes maior do que a feminina para os indivíduos da coorte mais velha deste estudo (ver Gráfico 15, em escala log). Por outro lado, a proporção de mulheres que concluem o curso universitário na coorte mais jovem (1971-1975) é quase duas vezes superior à dos homens. Esta diferença deve cair nos censos seguintes, se o padrão observado no passado continuar.

GRÁFICO 15

Brasil: Razão da Proporção de Homens e Mulheres com Curso Universitário Completo por Coorte de Nascimento — 1960, 1970, 1980 e 1991



4 POPULAÇÃO ESCOLAR

Para corroborar a hipótese do ensino mais tardio dos homens, pode-se estudar a população escolar. O Gráfico 16 apresenta o número médio de anos de estudo da população escolar por sexo e coorte de nascimento para os mesmos censos utilizados na seção anterior. As diferenças realmente diminuíram entre os censos, e a posição de superioridade da mulher no último censo avança até o grupo etário de 20 a 24 anos, enquanto nos censos anteriores se restringia ao grupo de 15 a 20 anos. O Gráfico 17 apresenta a razão entre homens e mulheres desses anos médios de estudo para a mesma população escolar. Pode-se notar que os estudantes mais velhos do sexo masculino estão cursando em média séries mais avançadas do que as mulheres. É certo que essa fronteira está avançando com o tempo. Nos Censos de 1960, 1970 e 1980, homens acima de 20 anos cursavam séries mais avançadas. Nos Censos de 1991 e 1996, isto acontecia somente acima dos 25 anos de idade.

GRÁFICO 16

Número Médio de Anos de Escolaridade por Sexo e Coorte de Nascimento da População Escolar Brasileira com 10 Anos ou mais: Vários Censos — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996

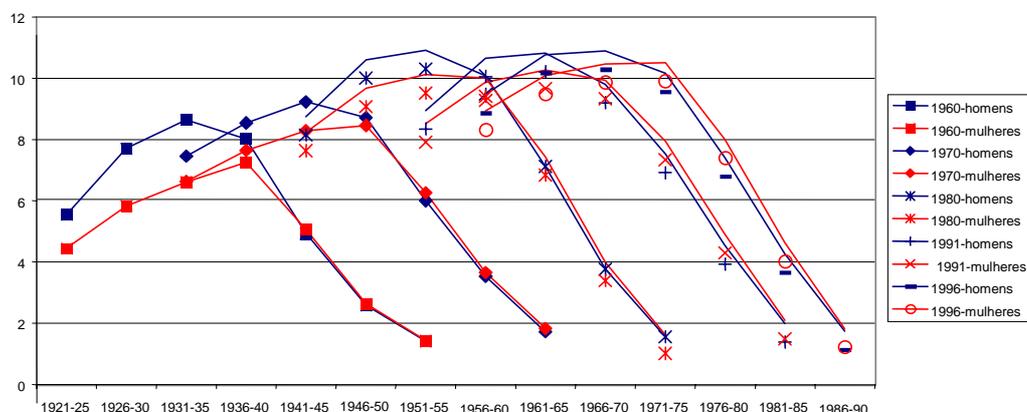
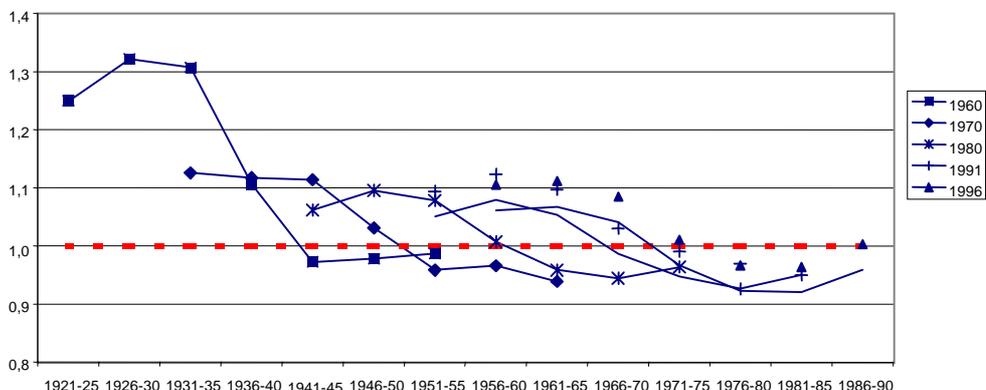


GRÁFICO 17

Razão entre Sexos (Homem/Mulher) do Número Médio de Anos de Escolaridade por Coorte de Nascimento da População Escolar Brasileira com 5 Anos ou mais: Vários Censos — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



A eliminação ou o acerbamento das diferenças de escolaridade de homens e mulheres em idades adultas tem a ver também com a proporção de pessoas de cada sexo na escola nesses grupos etários. O Gráfico 18 apresenta (em escala log) a proporção de indivíduos, por sexo e coorte de nascimento, que declararam estar freqüentando a escola nos vários censos. Nos censos mais antigos considerados neste estudo, 1960 e 1970, eram os homens, e principalmente os adultos jovens, em comparação às mulheres da mesma coorte, que freqüentavam em maior proporção as escolas. Em 1991 e 1996 a proporção de mulheres na escola foi superior à dos homens para todos os grupos etários e foram as mulheres mais velhas que, comparativamente aos homens da mesma coorte, declararam a condição de estudante em maior proporção. O Gráfico 19, que apresenta a razão dessas proporções, corrobora tal leitura. No entanto, combinando as informações desta seção, podemos dizer que, apesar de no passado recente existirem mais mulheres nas escolas, a partir da idade adulta os homens passam a cursar séries mais avançadas.

GRÁFICO 18

Brasil: Proporção de Indivíduos com 5 Anos ou Mais na Escola por Sexo e Coorte de Nascimento: Vários Censos — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996

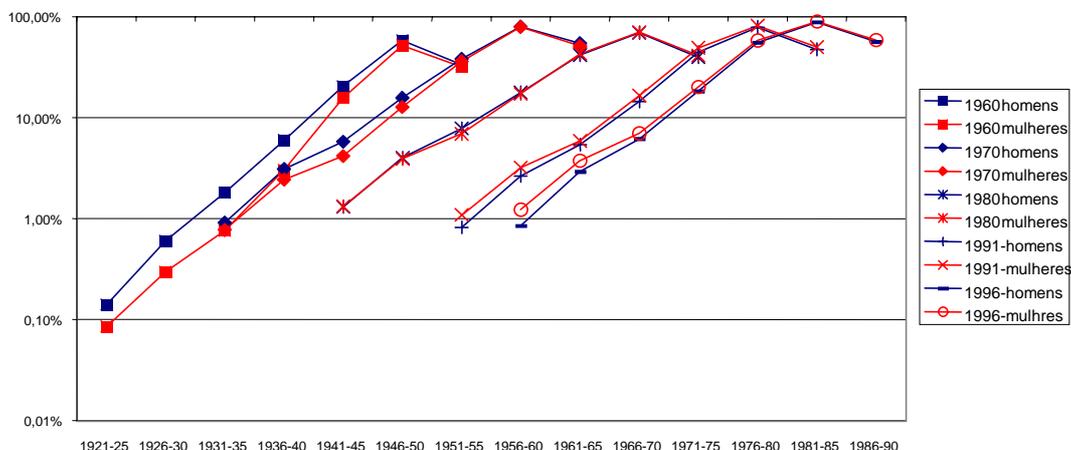
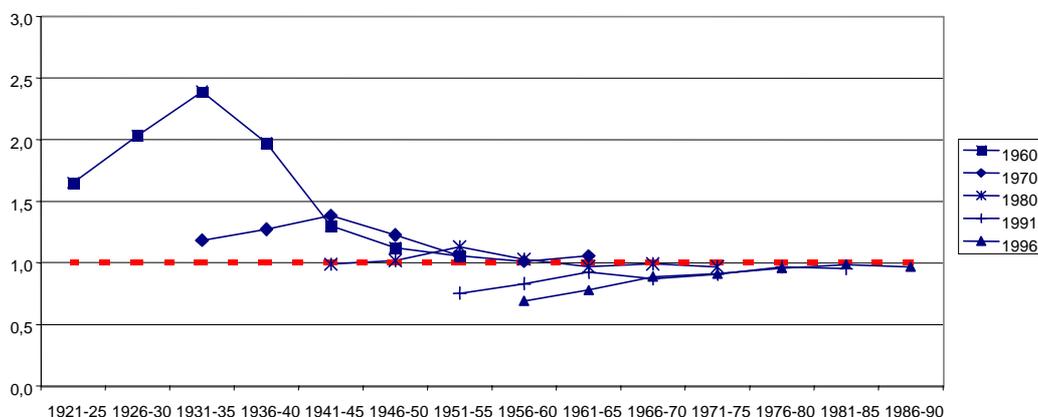


GRÁFICO 19

Brasil: Razão entre Sexos (Homem/Mulher) da Proporção de Indivíduos com 5 Anos ou mais, na Escola, por Sexo e Coorte de Nascimento: Vários Censos — 1960, 1970, 1980, 1991 e 1996



5 EVIDÊNCIAS DO SAEB-99

Os Gráficos 20 a 22 apresentam as defasagens cumulativas para as séries estudadas no Saeb, em 1999. Na quarta e na oitava séries do ensino fundamental é clara a menor defasagem das mulheres, qualquer que seja o critério utilizado (pelo menos um ano, pelo menos dois anos etc.). Já na terceira série do ensino médio o quadro é mais confuso e não se pode dizer, genericamente, que homens ou mulheres tenham maior ou menos defasagem que o outro.

GRÁFICO 20

Defasagem Idade/ Série Acumulada dos Alunos da 4ª Série do Ensino Fundamental por Sexo e Administração da Rede

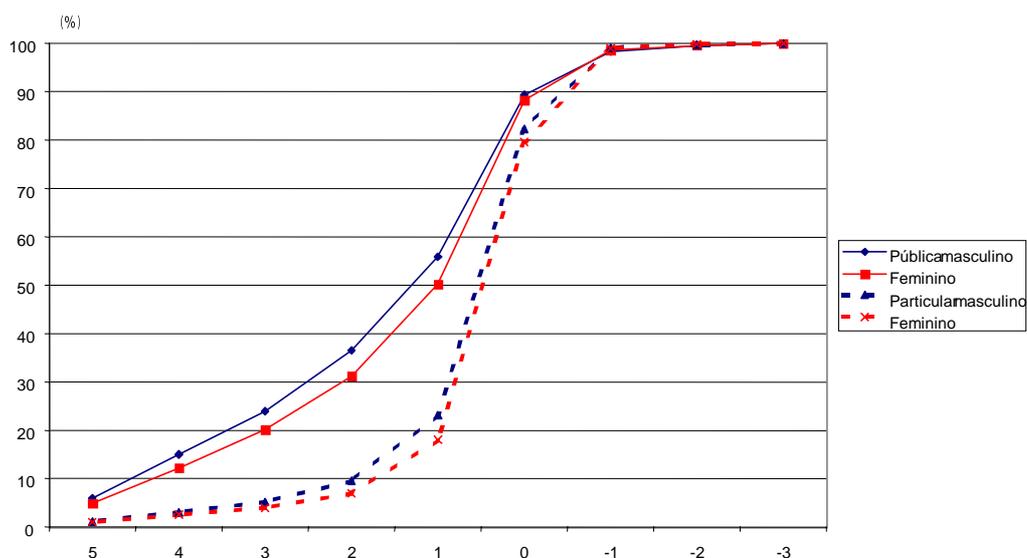


GRÁFICO 21
 Defasagem Idade/Série Acumulada dos Alunos da 8ª Série do Ensino Fundamental
 por Sexo e Administração da Rede

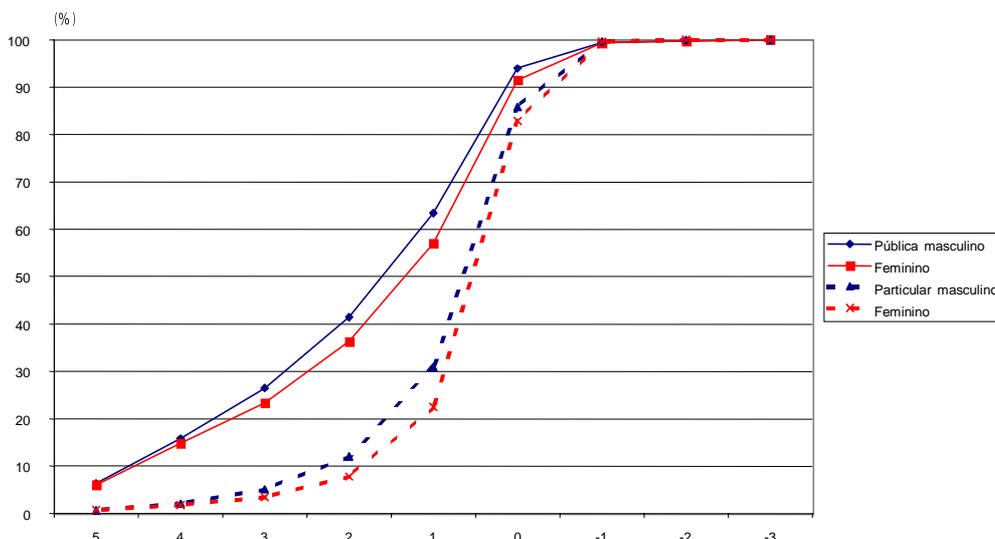
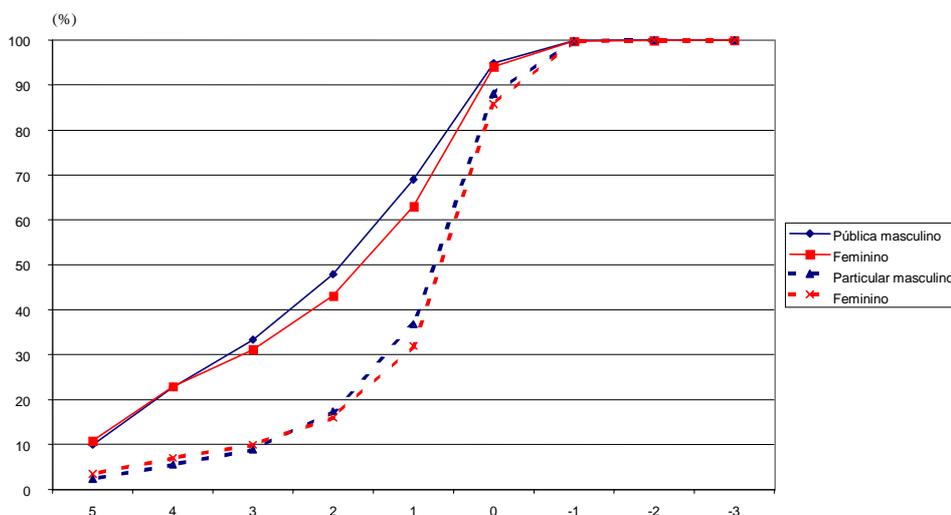


GRÁFICO 22
 Defasagem Idade/Série Acumulada dos Alunos da 3ª Série do Ensino Médio
 por Sexo e Administração da Rede



6 COMENTÁRIOS FINAIS

Existem diferenças expressivas entre a escolaridade das mulheres e a dos homens brasileiros. Estatísticas globais, como, por exemplo, número de anos de estudo para a população maior do que 18 anos, podem ser enganosas. O que podemos depreender dos dados é que as coortes de mulheres mais jovens têm não só diminuído as diferenças em relação aos homens quanto à escolaridade, como também conquistado terreno na frente dos mesmos. O que não sabemos é se essa vantagem deverá perdurar ao longo dos anos, já que os homens aparecem nas estatísticas como

concluintes defasados. Acima dos 25 anos os estudantes do sexo masculino cursam em média séries mais avançadas do que aquelas cursadas pelas mulheres. Por outro lado, nos últimos 20 anos, parecem ser elas que freqüentam a escola numa proporção maior.

É verdade que as coortes de mulheres mais jovens têm situação bem melhor em termos de anos de estudo, mas persistem dúvidas sobre a alocação familiar de recursos educacionais para meninos e meninas (qualidade dos anos de estudo), que merecem ainda um estudo mais aprofundado. Outro ponto a ser analisado com mais detalhe diz respeito aos diferenciais entre os sexos de defasagem série/idade.

Segundo relatório do Banco Mundial (2001, p. 3-4), tem-se presenciado, nessas últimas décadas, uma considerável melhora na situação da mulher na maior parte dos países. O nível educacional das mulheres aumentou significativamente, e sua presença no mercado de trabalho também. No entanto, no futuro, parte do caminho a ser trilhado deve incluir a eliminação das desigualdades de gênero, no que se refere a direitos, recursos e voz.

BIBLIOGRAFIA

BANCO MUNDIAL. *Engendering development: through gender equality in rights, resources and voice*. New York, Oxford University Press, 2001.

_____. *Toward gender equality: the role of public policy*. Washington, 1995.

BARSTED, L. L. *Mulher, população e desenvolvimento*. Brasília: CFEMEA, 1996.

IBGE. *Censo Demográfico*, 1960.

_____. *Censo Demográfico*, 1970.

_____. *Censo Demográfico*, 1980.

_____. *Censo Demográfico*, 1991.

_____. *Contagem*, 1996.

EDITORIAL

Coordenação
Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

Supervisão
Helena Rodarte Costa Valente

Revisão
Alessandra Senna Volkert (estagiária)
André Pinheiro
Elisabete de Carvalho Soares
Lucia Duarte Moreira
Luiz Carlos Palhares
Miriam Nunes da Fonseca

Editoração
Carlos Henrique Santos Vianna
Rafael Luzente de Lima
Roberto das Chagas Campos
Ruy Azeredo de Menezes (estagiário)

Divulgação
Libanete de Souza Rodrigues
Raul José Cordeiro Lemos

Reprodução Gráfica
Edson Soares

Brasília
SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES,
10º andar – 70076-900 – Brasília – DF
Fone: (61) 315-5336
Fax: (61) 315-5314
Correio eletrônico: editbsb@ipea.gov.br

Home page: <http://www.ipea.gov.br>

Rio de Janeiro
Av. Presidente Antônio Carlos, 51, 14º andar
20020-010 – Rio de Janeiro – RJ
Fone: (21) 3804-8118
Fax: (21) 2220-5533
Correio eletrônico: editrj@ipea.gov.br

Tiragem: 130 exemplares